

● **SANTIAGO**
> **NEGREIRA**

20,9 km
87,5 km a Muxía
89,6 km a Fisterra

A Ponte Maceira, Negreira



- Sáímos da praça do Obradoiro. Seguimos a rota pela desaparecida porta do Peregrino ou da Trindade, costa abaixo entre o paço de Raxoi e o Hostal dos Reis Católicos, e continuamos pela típica rua das Hortas deixando à nossa esquerda a igreja de S. Fuctuoso. No número 37 desta rua nasceu o intelectual galeguista, pintor e empresário Isaac Díaz Pardo (1920-2012), renovador das célebres cerâmicas de Sargadelos. Continuamos pela rua do Cruzeiro do Gaio, Poza de Bar e chegamos à carvalheira de S. Lourenzo, arvoredor de robustos e inspiradores carvalhos centenários.

Transitamos por espaços bucólicos a que a poetisa Rosalía de Castro dedicou alguns dos seus melhores versos. No seu livro *Follas novas* (1880) escreve a "... aqúes vellos carballos, / amostrando as súas raíces / cálvias-redondas copas ...".

Os limites pelo lado oeste da quinta do paço de S. Lourenzo conduzem-nos, caminho abaixo, até ao leito do rio Sarela, belo afluente do Sar. Nas suas margens resistem as ruínas do velho esplendor das fábricas de curtidos, pois em Santiago cresceu, até ao último terço do século XIX, uma próspera indústria do couro.

Deixamos a freguesia de Figueiras à esquerda, depois Vilvestro, Roxos, Alto do Vento, e entramos no concelho de Ames. Atingimos a localidade de Augapesada e subimos até ao duro cume de Mar de Ovellas, com magníficas vistas sobre o vale da Maia. Passamos os núcleos de Carballo, Trasmonte, Reino e Burgueiros, e cruzamos o rio Tambre pela ponte mais significativa deste Caminho: A Ponte Maceira. Do outro lado começa a região da Barcala – zona que se destaca pela sua produção láctea e cárnica – e o município de Negreira. Depois da Ponte Maceira apanhamos um caminho

arborizado junto ao rio e entramos na Barca. Subimos até à Chancela e, em frente, chegamos a Negreira, a maior povoação – supera os 2000 habitantes – que o peregrino passa antes de chegar à costa. À entrada somos recebidos pelo paço da Chancela, em cujo escudo está representada a ponte destruída sobre o Corrio, que teria cortado a passagem dos soldados que perseguiam os discípulos de Santiago.

A vila de Negreira, de origem medieval, foi levada à literatura, entre outros, por Ernest Hemingway, que a alude no romance *Por quem os sinos doam*. Ao atravessar a localidade chegamos ao albergue, depois de passar junto à capela de S. Mauro, ao paço do Cotón e de cruzar o rio.

● **O QUE VER**

Após O Obradoiro, a **igreja barroca de S. Fructuoso**, orientada para contemplar a grande praça, contendo quatro estátuas no cimo representando as virtudes da Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança. À **carvalheira de S. Lourenzo**, pequeno e acolhedor bosque de carvalhos centenários que acompanha a descida até ao rio Sarela. O **paço de S. Lourenzo** de Trasouto – convento franciscano de origem medieval que guarda no interior – no centro do seu claustro – um singular jardim de buxos –, o recinto contém ainda obras de arte renascentistas e barrocas; o altar-mor da sua igreja foi construído com mármore de Carrara. A **ponte sobre o rio Roxos**, medieval. A **igreja barroca de Trasmonte**. O centro da **Ponte Maceira**, e a sua ponte construída sobre o rio Tambre (séc. XIV) e rodeada por uma bela paisagem natural e monumental. Do outro lado da ponte, a capela do **Carme** ou de **S. Braís** (séc. XVIII). Na construção civil histórica de Negreira destacam-se vários solares como o da **Chancela** ou do "Capitán", aberto a visitas; o paço do **Cotón** – fortaleza medieval restaurada no séc. XVII –, e o paço de **Baladrón** – de aspeto modernista, de meados do séc. XX –, entre outros, para além da **capela de S. Mauro**.

● **NEGREIRA**
> **OLVEIROA**

34 km
68,7 km a Fisterra

A Ponte Olveira, Mazaricos

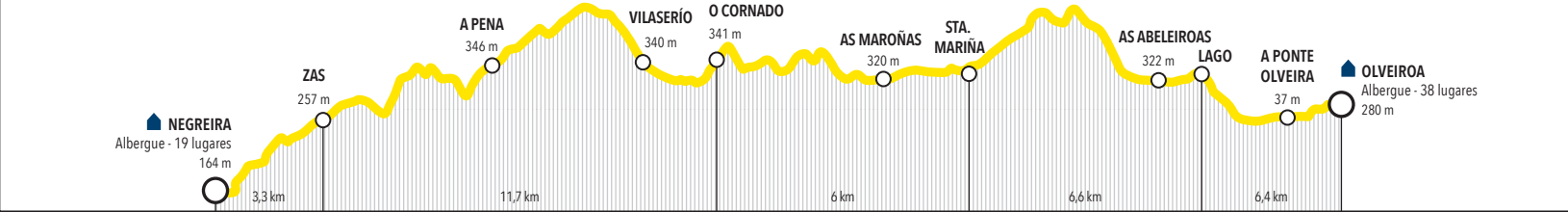


- Sáímos de Negreira passando o rio Barcala. Subimos até Negreira, pequena aldeia que foi o núcleo original de Negreira. Vários troços coincidem com o antigo Caminho Real até Fisterra. A prova-lo está a topónimoia ao passar junto ao Caminho Real ou Portocamiño. Cornovo e o Rego de Forxán são os seguintes pontos. A localidade do Corrado é a última povoação do concelho de Negreira, que dá lugar ao concelho de Mazaricos, já na zona do Xallas.

A vegetação autóctone e a beleza das paisagens preside estes primeiros quilómetros: tojos e milheirais, pinheiros e eucaliptos..., em conjunto com uma típica arquitetura popular de espigueiros como os das Maroñas, ou igrejas românicas como a de Santa Mariña.

O monte Aro (556 m) é um dos pontos de maior interesse paisagístico. Daqui contempla-se parte da Terra do Xallas. Este território é conhecido pelo seu artesanato de cestaria e também pelos seus originais chapéus femininos elaborados em palha.

Depois vêm Aro, Campo Valado, Porteliñas, As Abeleiroas e o mirador de Corzón. Ao passar a localidade de Mollón chegamos à ponte do rio Xallas que divide os municípios de Mazaricos e Dumbriá. Chegamos à Ponte Olveira e depois ao centro de Olveiroa, final de etapa.



● **OLVEIROA**
> **CORCUBIÓN**

20,6 km
34,6 km a Fisterra

Corcubión



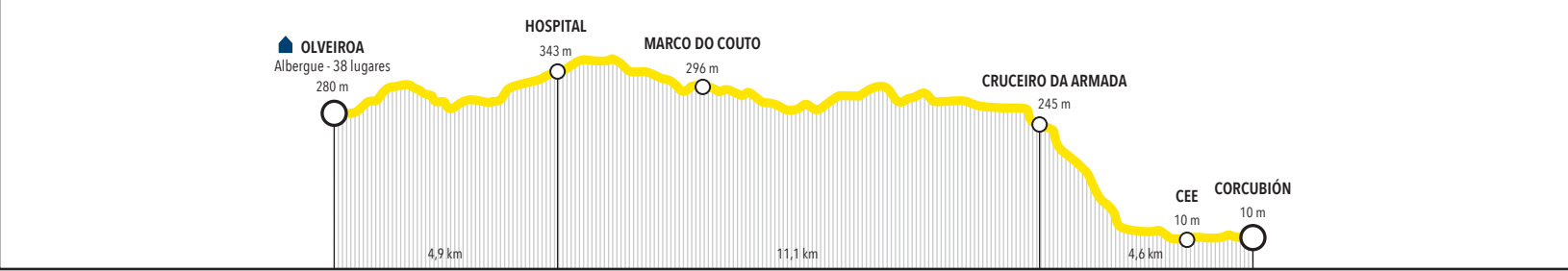
● **O QUE VER**

- Sáímos de Olveiroa contemplando um impressionante rio Xallas que flui encaixado entre frondosa vegetação. Passamos o rio, entramos no Logoso e depois na aldeia de Hospital, um lugar que contou com um modesto hospital para peregrinos, hoje desaparecido. Pouco depois aparece a rotunda que bifurca os caminhos para Fisterra e Muxía.

A rota conduz-nos pelas imediações do santuário da Nosa Señora das Neves e a ermida de S. Pedro Mártir, na freguesia da Pereiriña. Já no alto do Cruzeiro da Armada (247 m) contemplamos ao longe, e pela primeira vez, o cabo Fisterra.

Uma acentuada descida, com vistas para a ria de Corcubión, guia-nos até Cee, a primeira localidade dessa região a que o peregrino chega. Cee é o maior concelho da Costa da Morte; possui notável atividade comercial e um concorrido mercado aos domingos. Entramos no centro da vila através do Campo do Sacramento e da rua Magdalena.

Muito próxima está Corcubión, que conserva um casco antigo declarado conjunto histórico-artístico. Pela rua S. Marcos chegamos à bela igreja homónima (séc. XV). No primeiro sábado de agosto, Corcubión celebra a **Festa da Améjóa**.



● **CORCUBIÓN**
> **FISTERRA**

14,3 km

Farol de Fisterra



● **O QUE VER**

- Etapa curta, de 14 quilómetros. Partindo do Campo do Rollo, em Corcubión, empreendemos uma forte subida que nos conduz ao Campo de S. Roque e à aldeia do Vilar. Passamos as localidades da Amarela e depois Estorde. Em Sardiñeiro caminhamos por troços que foram Caminho Real.

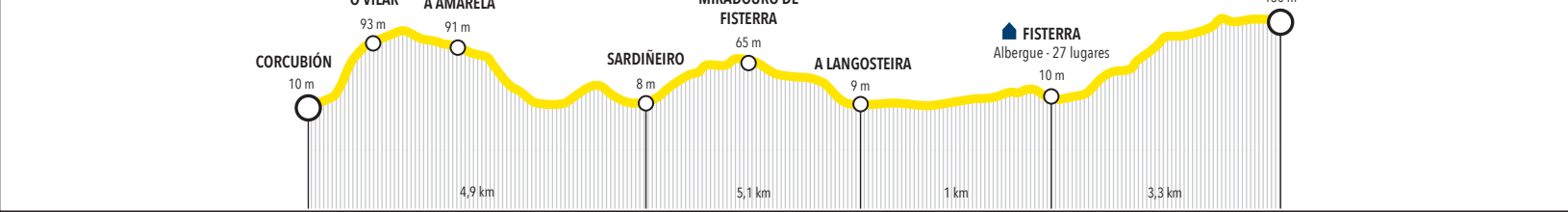
Atravessamos uma zona que tem um dos litorais de maior beleza da Península Ibérica, com grandes e tranquilos areais que amortecem a frente rochosa e um mar bravíssimo que deixou centenas de histórias e também de lendas de naufrágios e resgates.

Contornamos a angra de Talón, depois chegamos a Calcova e atingimos a extensa e bela praia da Langosteira.

Ao fundo emerge, como uma ilha, a vila de Fisterra. O traçado do Caminho prossegue entre as dunas do areal, mas muitos peregrinos decidem completar este troço junto à praia.

Entramos em Fisterra pelo bairro de S. Roque, passamos diante do cruzeiro ou Cruz de Baixar, das ruas Santa Catarina e Real. Na estrada de acesso ao farol passaremos perante a Igreja de Santa Maria das Áreas, que custodia o Santo Cristo de Fisterra.

Chegamos à ponta do mítico farol, km 0 do Caminho de Santiago. O oceano abre-se perante nós como uma grande angular fotográfica, e todas as sensações se juntam diante deste cabo do fim do mundo.



● **OLVEIROA**
> **MUXÍA**

32,5 km

Espigueiros de Olveiroa, Dumbriá



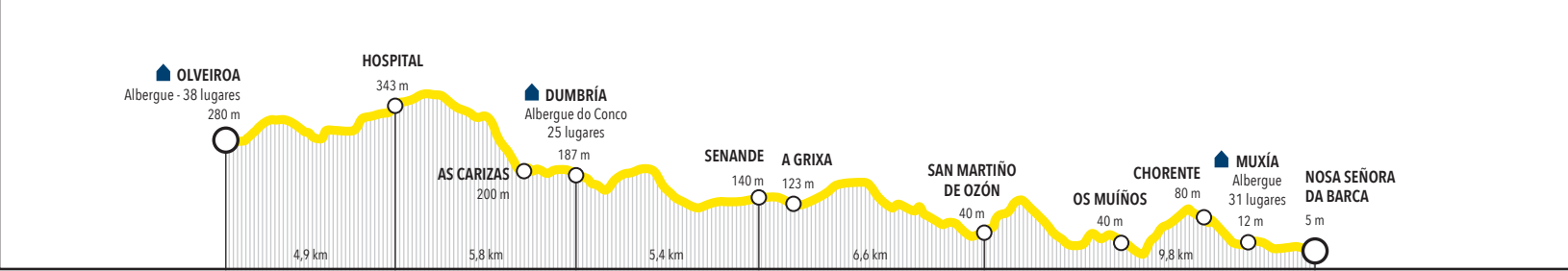
● **O QUE VER**

- Sáímos de Olveiroa. O rio Xallas flui impressionantemente abrigado entre a vegetação. Passamos o rio, entramos no Logoso e depois na aldeia de Hospital, um lugar que contou com um modesto hospital para peregrinos, hoje desaparecido. Pouco depois aparece a rotunda que bifurca os caminhos até Muxía e Fisterra.

Seguimos pelo Rego de Vao Salgueiro. Alternam asfalto e caminhos rurais. Descemos até às Carizas, Rego de Cheo e subimos de seguida até Dumbriá. Somos recebidos pela sua praça com espigueiro, cruzeiro e igreja. Atravessamos o centro e chegamos à aldeia de Irasufre, já dentro do concelho de Muxía. Através do antigo Caminho Real chegamos a Senande e depois Vilastose,

Quintáns e Pedregás. Valiosas mostras de arquitetura popular e religiosa embelezam o caminho, como o conjunto de S. Martiño de Ozón.

Subimos até Vilar de Sobremonite, descemos até Merexo. Camariñas divisa-se, após o rio Grande, do outro lado da ria. Aproximamo-nos dos Muíños e cruzamos o rio Negro. A igreja românica de S. Xulián de Moraima, muito perto do mar, transmite-nos a sua paz e beleza. Depois das Casas Novas, o monte de S. Roque, Chorrente, praia de Espiñeirido e já estamos em Muxía. O santuário da Virxe da Barca, erguido numa paragem impressionante em frente ao mar, marca o final.



● **FISTERRA** <->
MUXÍA

32,1 km

Santuário da Barca, Muxía



- Etapa de duplo sentido, já que o peregrino pode começar quer em Muxía quer em Fisterra. São ao todo 32,1 km pela agreste, bela e impressionante Costa da Morte. Se decidirmos começar em Fisterra, então devemos ir até à praia da Langosteira e, na Cruz de Baixar, seguir em direção à freguesia de S. Martiño de Duiro, templo que remete para uma desaparecida cidade romana de nome Dugium.

O Caminho avança, com o mar omnipresente, entre aldeias, bosques e campos de milho. Passamos pelas imediações da praia do Rostro, que aparece entre pinhais. Descemos até à pequena ria de Lires, freguesia do concelho de Cee. Passamos o rio Castro e entramos no termo municipal de Muxía. Alcançamos Vaosilveiro, Frixe e Morquintán, com troços de asfalto entre outros de caminhos rurais.

Um último esforço antes de chegar a Muxía é representado pela subida ao alto das Aferoas (289 m) e ao monte Facho de Lourido. Após isto chegamos à aldeia de Xurarantes e devemos contornar a praia de Lourido. Estamos já nas imediações da vila marinheira de Muxía.

Entramos nela pelas ruas Campo das Pinas, Os Malatos e Enfresto. O nosso objetivo será a visita ao santuário da Virxe da Barca. Aproximamo-nos dele primeiro a descer pela rua de Manuel Lastres e pela rua Real. Passamos junto ao posto de turismo, onde podemos ir buscar a "Muxiana" (uma credencial de final de Caminho que, em Fisterra, tem também a sua própria "Fisterrana" e que aqui se pode selar no albergue municipal).

Contornamos o monte Corpiño pelo Camiño da Pel ("Caminho da Pele"), topónimo que alude a uma desaparecida fonte em que os peregrinos se lavavam

no final da rota, um símbolo de purificação e de respeito antes de chegar ao santuário da Virxe da Barca. Na parte baixa do monte encontra-se a igreja de Santa Maria, com um estilo de transição entre o românico e o barroco.

No santuário da Barca culmina esta etapa. Ou então marcaria o início se – como dissemos ao princípio – decidirmos fazê-la em direção a Fisterra. O local do templo é impressionante, empolesado frente à força do oceano e com umas caprichosas formações rochosas sobre as quais cresceram tradições e ritos. Este santuário guarda relação com a lenda que situa, nestas costas, a aparição da Virgem ao apóstolo Santiago com o fim de o incentivar na sua pregação. O primeiro documento que faz referência ao santuário data de meados do séc. XVI.

● **O QUE VER**

A **igreja barroca de S. Martiño de Duiro** (séc. XVIII), de uma só nave com sacristia anexa. Nas suas imediações ocultar-se-iam as ruínas da desaparecida cidade romana de Dugium, submersa nas águas, citada no *Códice Calixtino* como o lugar onde residia o legado de Roma que teriam visitado os discípulos de Santiago para que autorizasse a sepultura do apóstolo em terra compostelana. A **praia do Rostro**, impressionante e agreste areal. A **ria de Lires**, com importante riqueza ornitológica e notáveis mostras de arquitetura popular e religiosa, como as igrejas de origem românica de **Santa Locaia de Frixe** e **Santa Maria de Morquintán**. A praia de Lourido, antecâmara de Muxía, encaixada num belo espaço litoral. Em Muxía, a **igreja de Santa Maria**, de transição entre o românico e o gótico. O **santuário da Nosa Señora da Barca**, cuja origem poderia situar-se numa capela do século XII. O templo atual é barroco (princípios do séc. XVIII) e de uma só nave. À sua frente, quase sobre o mar, encontram-se as famosas formações rochosas conhecidas como **Pedra de Abalar**, **Pedra dos Cadris** e **Pedra do Timón**. Por volta de 8 de setembro este lugar celebra uma das **romarias mais populares da Galiza**.

Cabo Fisterra

